

REGISTRO DOS DEPOIMENTOS DE ALVARO TUKANO COLHIDO EM 11.12.83

Inicialmente, alegou ALVARO TUKANO que essa não seria a primeira vez que solicitava a atuação da FUNAI naquela região, mas que esperava ser agora de pronto atendido, dadas as proporções assumidas pelos problemas com que se deparam os índios daquelas localidades.

Procedeu então a denúncias atinentes às repercussões do trabalho missionário entre os grupos indígenas daquela área, quais sejam:

- a) no seu entender a ação missionária entre o seu povo está a exigir, na maior brevidade possível, avaliação e tomada de posição por parte do Órgão Tutelar.

Em linhas gerais, estariam os missionários mais preocupados com o cumprimento de suas doutrinas, procurando ajustar as tradições indígenas aos princípios católicos e protestantes, do que garantir a observação de seus costumes ao prestar-lhes assistência.

No dizer de ALVARO, a intolerância desses missionários frente à organização sócio-política e cultural dos grupos indígenas do Alto Rio Negro estaria resultando em efeitos destrutivos, concorrendo, por exemplo, para o estabelecimento de divisões inter e intra-grupais, que se sobrepõem às suas tradicionais divisões clânicas..

Neste particular, esclareceu que hoje predominam divisões políticas em termos de "católicos" e "protestantes", "pagãos" e "cristãos", e ainda pelo fato das aldeias estarem sob a influência de uma ou outra "Paróquia", no caso dos índios assistidos pela Missão Salesiana. -

Argumentou que, não raro, líderes do Alto Rio Negro tentam reunir-se para tratar de assuntos comuns às suas comunidades, mas se vêem impedidos pelos salesianos, que não admitem reuniões de índios de "Paróquias" distintas.

Acrescentou também que tais divisões, fomentadas ao longo de vários anos pelos ditos missionários, começam a degenerar em ameaças de mortes entre os Índios ou em atitudes semelhantes,

Não bastasse o já mencionado, estariam os missionários promovendo casamentos entre os referidos Índios, desrespeitando os princípios exogâmicos dos respectivos grupos.

Ressaltou que a ação missionária, ao desprezar a organização política de cada grupo, ao desrespeitar suas regras de parentesco e ao tentar impor uma organização peculiar a católicos e protestantes, tem concorrendo para a desestruturação sócio-política e cultural desses grupos e para a desconfiança de seus membros entre si.

Espera ÁLVARO TUKANO, que a FUNAI, em contrapartida, não se restrinja simplesmente à avaliação dos trabalhos missionários mas, partindo do conhecimento da organização tradicional desses grupos e de suas necessidades, adote uma linha de ação que propicie aos Índios a retomada de suas tradições;

- a) analogamente; na área de educação os métodos pedagógicos e os programas adotados, a seu ver, têm-se caracterizada pela total ignorância das tradições indígenas, mostrando-se inadequados à realidade a que se destinam. O sistema de ensino, na verdade, contribui "...para a marginalização do Índio em relação a sua própria cultura... desindianizando-os... Os Índios, ao concluírem seus cursos, acabam por não saber se são Índios ou brancos!
- b) no que tange à assistência médico-hospitalar, por conta também das missões, revelou o Índio que, nesse setor, não deixam os religiosos que atendem a população de valer-se de seus preceitos, tentando mesmo apagar da memória indígena suas práticas seculares.

Assim, explicou ÁLVARO, por vezes, Índias parturientes são estimuladas a procurar os recursos hospitalares, em vez de seguirem suas práticas ancestrais. O mesmo sucede com muitas enfermidades, que poderiam ser tratadas pelos processos tradicionais (ervas, por exemplo), são submetidas aos métodos da "medicina branca", porventura sem vantagens sensíveis. Al-

gumas vezes procuram mostrar aos Índios que seus processos curativos de nada valem, em nada adiantam.

Identicamente, "os curandeiros", conhecedores da flora e responsáveis pela sua utilização no tratamento de doenças e rituais são alijados pelos missionários, que os condenam por considerá-los "anti-cristãos" e suas práticas "pagãs".

Por outro lado, relatou ALVARO, é por intermédio do uso indiscriminado da "medicina branca", em detrimento do conhecimento e práticas indígenas, que se estabelece um dos elos da "dominação missionária" sobre seu povo. O tratamento "médico do branco", na forma como vem sendo realizado, implica sempre no uso de remédios, aos quais os Índios não tem acesso senão através das missões. Por isto, os membros das comunidades indígenas vão se tornando mais e mais dependentes da "assistência branca" e, por consequinte, das missões.

Nesta matéria, salientou que urge a orientação dos trabalhos de assistência à saúde: "é necessário criar meios e espaço para o Índio, assegurando-lhe melhor assistência, possibilitando-lhe a preparação técnica para que atue nas instituições hospitalares do Alto Rio Negro, valorizando e respeitando seus costumes e suas práticas";

d) ressaltou ainda ALVARO que na esfera econômica, existem duas (2) cooperativas, funcionando uma em Pari-Cachoeira e a outra em Iauaretê, cuja implantação foi incentivada pelos padres, encontrando-se, no presente, sob o controle dos Índios. Todavia essas cooperativas, ainda que necessárias, têm-se mostrado insuficientes e, em certos aspectos, incompatíveis com a organização política tradicional dos grupos indígenas. Não raramente, os "diretores" de tais cooperativas monopolizam os serviços dos mesmos para as suas facções, em prejuízo de outras, criando divergências entre os Índios.

Há também ingerências de natureza política-partidária na comercialização dos produtos indígenas, resultando em boicotes de toda a ordem a membros das comunidades filiadas a partidos políticos distintos e opositores.

Finalmente, queixou-se do incentivo à plantação indiscriminada de "epadu", até então utilizada em pequenas quantidades pelos Índios em alguns de seus cerimoniais.

Atualmente, "comerciantes" brasileiros e colombianos vêm fomentando a plantação dessa vegetal em grande escala, com vista a obtenção da caça, o que denigra em muito a imagem do Índio, que passa ser tido como fornecedor de traficantes.

Esse é também um fator que divide as comunidades, dado que alguns de seus membros plantam em grandes quantidades e outros não.

Diz ALVARO: "É necessário que sejam dados melhores condições de sobrevivência aos Índios... para produzirem alimentos, seja para o seu consumo, seja para a comercialização".

Por fim, ALVARO ressaltou que as questões postas se destinam a esclarecer o Órgão Tutor sobre a situação dos grupos Indígenas do Alto Rio Negro, quer dizer: se até agora o Órgão podia justificar a sua escassa atividade naquela região por desconhecimento do que ali se passara, agora, após esse depoimento, deixa de de ser lícito, invocar semelhante argumento.

Segundo ALVARO, várias foram as pessoas que passaram pela região, técnicos da área de saúde e de educação, equipes cinematográficas, integrantes de comitivas oficiais, religiosas e pesquisadores. Porém, no seu entender, essas visitas em nada resultaram em favor dos grupos indígenas, que até os dias atuais aguardam o cumprimento de promessas então feitas e as soluções para os problemas levantados.

A viagem preconizada teria por objetivo detectar os problemas existentes, juntamente com a comunidade e ouvindo sempre suas ponderações, e buscar soluções condizentes com sua organização sócio-política e cultural.

Contudo, estende que essa seria a etapa preliminar do trabalho, que estaria a requerer muitas outras fases, ao longo de um, dois ou três anos. "Uma situação de tanto tempo, com tantos problemas, não poderá ser resolvido em apenas um ou dois anos".

Para tais atividades julga necessário que um barco fique à disposição da equipe para percorrer as quarenta e cinco (45) aldeias sítiadas às margens do Tiquiê, na ~~á~~ltura de Parí-Cachoeira e boca do Rio Vaupês, além des cem (100) aldeias localizadas na "Paróquia" de Lauratê, entre os Rios Vaupês e Papuri.

A época ideal para a realização do levantamento seria de meados de janeiro a fevereiro, período em que toda a população estará nas aldeias, sobretudo os estudantes, podendo, assim, serem conhecidas "suas necessidades, como vivem, o que fazem e sentem".

Aproveitamos a oportunidade para informar V.Sa. que, segundo dados levantados pela documentalista desta AESP, nos últimos nove anos, passaram por aquela região dez pesquisadores, conforme relação abaixo:

- 1974 - Joseph Boot e equipe - Estudo Dialetais;
- 1975/77 - Arthur Samuel Merin - Pesquisa sobre a cultura material de alguns grupos indígenas;
- 1976/77 - Gall Louix Franklin - Pesquisas Linguística;
- 1981 - Ana Lúcia de Oliveira Castro - Pesquisa na área de comunicação social;
- 1981/82 - Jorge Antonio Dias Pozzabon - Pesquisa sobre as relações entre Maru e Tukano;
- 1981/82 - Katherine V. Milton e Janet Chernela - Pesquisa sobre as relações entre Maru e Tukano;
- 1981/82 - Evaldete Ferraz de Oliveira - Levantamento de verminoses.

Em 1980, esteve no Alto Rio Negro a Antropóloga OLGA IBANÉZ NOVION desta Fundação, que realizou avaliação sumária da atuação das missões lá instaladas.

Informamos outrossim, que a situação das terras dos grupos indígenas do Alto Rio Negro está a requerer, em algumas áreas, trabalhos de identificação.

Entre os anos de 76/77, a Antropóloga ANA MARIA DA PAIXÃO, juntamente com equipe do Projeto Radam, procedeu a iden

tificação das áreas lauretê, Pari-Cachoeira e Içana-Xiê. Em meados de 1979, foi encaminhado ao então chefe da BAORI carta dos Líderes do Centro Social UFAC - Taracuã, na qual solicitaram a demarcação de suas terras, segundo a proposta por eles apresentadas. Neste particular, foi-nos informado que parte da área pretendida vem sendo disputada por entidade religiosas para a ocupação de índios "congregados", em sua Paróquia.

No presente ano, o Sociólogo ANTONIO FLÁVIO TESTA e o Engenheiro Agrimensor AUREO ARAÚJO FALEIROS realizaram trabalhos de identificação da área Cubatê. Posteriormente, AUREO com a Antropóloga MARIA AUXILIADORA C. SÁ LEÃO procederam o trabalho semelhante em cinco áreas na região do Haupês. Todavia, conta que existem muitas áreas por identificar.

AESP/IDPS/jm.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

DESPACHO Nº 887/83-AESP

Ref.: Depoimento do Índio ALVARO TUKANO

Sra. Chefe:

Conforme entendimentos mantidos com V.Sa. estamos encaminhando, em anexo, cópia do "Registro de Depoimentos de ALVARO TUKANO, colhido em 11.12.83", a ser remetido ao interessado.

AESP, 23/dez/83.

Amara Daloni Pereira da Silva
Socióloga

Juana Daloni P.S.

AESP/IDPS/jm.

Autorizo
MINTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
Assessoria de Estatística e Pesquisas

Aluísio Demarquet
Chefe

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO - FUNAI

Brasília-DF, de dezembro de 1983.

Alvaro,

Em resposta a sua carta tenho a informá-lo que o seu pedido foi encaminhado, encontrando-se em estudo a proposta por você formulada.

Conversando com a Chefe da AESP, SONIA DEMARQUET, sobre o assunto, esta solicitou-me que lhe transmitisse o interesse da FUNAI em atender sua pretensão.

Todavia, até o momento, como já mencionei, não há resposta definida por parte de outros setores da FUNAI. Como tal não foi ainda composto o GT, cogitando-se, por hora, na escolha de seus integrantes.

Durante a próxima semana estarei ausente (recesso), devendo regressar pelo dia 02 de janeiro. De todo modo, assim que obtiver alguma resposta comunico-lhe imediatamente.

Caso você necessite de quaisquer outras informações encontro-me ao seu dispor.

Um abraço,

Juarez Dabori

*Estou muito feliz em voltar a Brasília, porém
uma parte importante por parte dos amigos que ficaram aqui, me
são em defesa e me ajudam de verdade*

AESP/IDPS/jm.